

Acanthodactylus erythrurus (Schinz [1834])

Lagartixa-de-dedos-denteados

Lagartija colirroja, Spiny-footed Lizard

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

Consideram-se tradicionalmente quatro subespécies com base em caracteres foliódóticos e de coloração (Pérez-Mellado 1998b): *A. e. erythrurus* (Schinz [1834]), endêmica da Península Ibérica e única presente em Portugal, *A. (e.) lineomaculatus* (Duméril & Bibron 1839), do litoral atlântico de Marrocos, *A. e. belli* Gray 1845, de Marrocos oriental e Argélia, e *A. e. atlanticus* Boulenger 1918, do norte do Alto Atlas e Atlas Médio. As revisões subsequentes de Salvador (1982) e Arnold (1983) consideraram *A. e. atlanticus* como uma forma de transição entre *A. e. belli* e *A. e. lineomaculatus*. Contudo, análises morfométricas posteriores (Bons & Geniez, 1995, 1996) recomendaram a conservação de *atlanticus* e a elevação de *lineomaculatus* a espécie. Finalmente, estudos filogenéticos mais recentes, utilizando marcadores mitocondriais e nucleares, não confirmam o estatuto específico de *lineomaculatus*, bem como não suportam a monofilia de *atlanticus* e *belli*, nem a distinção de *belli* de *A. blanci*, em princípio uma espécie distinta dentro do grupo *erythrurus* (Harris et al., 2004b; Fonseca et al., in press). Estes autores sugerem, ainda, que a lagartixa-de-dedos-denteados colonizou África a partir de populações europeias e datam a separação da subespécie ibérica de há cerca de 5,3 milhões de anos, coincidente com a reabertura do Estreito de Gibraltar, após a Crise Messiniana, tal como anteriormente sugerido por Busack (1986) através da utilização de polimorfismos electroforéticos. Os resultados obtidos por aqueles autores não afastam a possibilidade de poder ter havido colonizações posteriores e descrevem, adicionalmente, i) uma maior diversidade genética no sul da Península Ibérica, possivelmente correspondente a um refúgio glacial, e ii) algum grau de diferenciação entre as populações ibéricas ocidentais e orientais, embora sem uma clarificação dos seus limites de distribuição nem qualquer sugestão de rearranjos taxonómicos.

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

Esta espécie ocorre nas regiões mais meridionais da Península Ibérica, no Norte e Centro de Marrocos e no Norte da Argélia (Hódar, 2002b). Não se conhecem populações insulares. Na Península Ibérica está ausente do Noroeste de Portugal, Galiza,

Cordilheira Cantábrica e Norte de Castela, Pirinéus e Norte de Aragão e Catalunha. O seu limite norte segue aproximadamente a bacia do rio Douro, a oeste, as encostas meridionais do Sistema Central, no centro, e a bacia do rio Ebro, a leste. A sul deste limite não se encontra em grandes altitudes, nem em extensas áreas do Sul de Portugal e depressões dos vales dos rios Guadiana e Guadalquivir (Hódar, 2002b). Apresenta uma distribuição concentrada em áreas com relevo pouco acentuado e solos pouco compactados, quer em bacias interiores, quer em áreas costeiras, embora possa estar ausente em regiões aparentemente favoráveis (Hódar, 2002b). Com um carácter extremamente termófilo ocupa, normalmente, áreas com mais de 15°C de temperatura média e menos de 600 mm de precipitação anual (Llorente et al., 1995). Encontra-se desde o nível do mar até aos 1750 m, na Serra Nevada (Fernández-Cardenete et al., 2000), embora as populações mais setentrionais não ultrapassem os 400 m (Llorente et al., 1995).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Em Portugal, a espécie distribui-se em vários núcleos populacionais cujos efectivos e grau de isolamento são, actualmente, desconhecidos. No Norte, o maior núcleo inclui a bacia do Alto Douro e os seus afluentes setentrionais (rios Sabor e Tua) e meridionais (rios Côa e Águeda), que continuam em Zamora e Salamanca (Espanha). Um pequeno isolado foi confirmado na região de Chaves. As novas observações obtidas ao longo dos últimos anos indicam importantes populações na Beira Interior e Salamanca (Espanha) que, atravessando o Sistema Central entre as Serras da Estrela e da Malcata, e entre esta última e a Serra da Gata, ligam este núcleo com a bacia do rio Tejo e o núcleo da Serra de São Mamede. No Centro, há várias observações isoladas no Ribatejo, e populações abundantes ocorrem no litoral, desde a Serra da Arrábida até ao Norte de Sines. Algumas observações mais a norte, na área de Leiria, são consideradas duvidosas (Malkmus 2004e). No Sul, as observações na ilha de Tavira não estão aparentemente ligadas às populações do litoral de Huelva (Espanha) nem foram confirmadas recentemente (Malkmus, 2004e). Embora futuros trabalhos pudessem,

eventualmente, aumentar o número de observações, a conspicuidade da espécie e a especificidade do seu habitat parecem indicar que a maior parte das ausências detectadas são reais e não resultam de problemas associados à prospecção. A distribuição altitudinal em Portugal vai desde o nível do mar até aos 1150 m. Este lacertídeo atinge as maiores densidades em áreas muito abertas, quentes, secas e com pouca inclinação (Malkmus, 2004e). Embora tradicionalmente associada a substratos arenosos ou erodidos, ocorre também com frequência em solos consolidados, particularmente terrenos graníticos ou de xisto (Malkmus, 1999b). Aparece em dunas costeiras mediterrânicas, matos esclerófilos muito abertos e pré-estepários e florestas mediterrânicas esclerófilas ou de coníferas, sempre com amplas clareiras e vegetação natural. Embora não ocorra em regiões de culturas extensivas, pode aparecer marginalmente em pousios de sequeiro, caminhos e perto de cursos de água temporários. Nestes habitats, pode ser facilmente observado a deslocar-se entre arbustos através de amplos espaços de terreno aberto (Carretero & Llorente, 1995a).

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

O padrão de distribuição desta espécie sugere uma situação de conservação delicada em Portugal. Apesar de algumas actividades tradicionais como a pecuária, a recolha de lenha ou os fogos controlados terem já provocado, no passado, um incremento das áreas abertas mais favoráveis à espécie, actualmente, a reflorestação espontânea limita a espécie a áreas de ecótono, restritas e vulneráveis. Noutros casos, as culturas de sequeiro estão a ser substituídas por regadios pouco favoráveis para a espécie. Finalmente, nas áreas litorais, o turismo e a urbanização excessiva estão a destruir os sistemas de dunas que acolhiam populações abundantes mas isoladas. Todos estes factores contribuem para o aumento da fragmentação das suas populações devido às suas necessidades de habitat, densidades limitadas e baixa capacidade de dispersão (Carretero et al., 2004b). A extinção de populações isoladas é um fenómeno já verificado noutras zonas da Península Ibérica que têm factores de ameaça semelhantes (Carretero & Llorente, 1995b; Carretero, 1999; Hódar, 2002b). Embora a gestão do habitat seja a única estratégia recomendável para inverter esta tendência, é urgente analisar, de um ponto de vista histórico, a contribuição que estes factores podem ter para explicar a distribuição actual da espécie e a sua possível evolução.

Miguel A. Carretero



PhG



PhE



MAC

